

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: “Conflitos, violências, bullying na escola: problemas da convivência potencializado pela pandemia?”

Quando nos propusemos a organizar um dossiê sobre conflitos, violência e convivência, sabíamos dos desafios que enfrentaríamos. A convivência escolar, seus problemas e oportunidades de aprender valores e desenvolver a sociabilidade ainda são temas periféricos na formação de professoras e professores: a experiência de estudar e trabalhar com pessoas diferentes – sob a mesma premissa republicana de que nossas identidades têm o mesmo direito a (co)existirem, serem respeitadas e apreciadas na escola, por compartilharem igual condição humana – requer empenho intelectual, afetivo e convicção moral para transformar a cultura clássica em que a escola foi reduzida a um lugar de frequência obrigatória e transmissão de conhecimentos formais, espaço esse acostumado a reproduzir práticas injustas e preconceituosas que, normalizadas nas práticas sociais em geral, ganham formações próprias na cultura de cada unidade de ensino.

Em contextos pandêmicos, essa atenção à convivência foi duramente atingida: com a interrupção de atividades presenciais, quase tudo foi conformado às telas digitais e à necessária distância, até que um mínimo de segurança sanitária possa ser restabelecido. Assim, experimentar trocas, tensões e descobertas com colegas discentes, docentes e profissionais da educação foi algo abruptamente interrompido – reduzindo condições para aprender a viver com outras pessoas diferentes das mais próximas (como familiares) e acentuando as chances de que valores como o individualismo sejam mantidos sem muita problematização.

Muito embora os efeitos emocionais destes tempos pandêmicos já são objeto de reflexão pedagógica e de pesquisas, começando a encontrar alguns elementos consensuais a partir da discussão sobre eles, as questões em torno do desenvolvimento relacional e social não foram descortinadas nem problematizadas de forma sistemática. Propor a análise de problemas conviviais justamente quando o conhecimento científico indica o distanciamento social – e quando as vacinas tardam a ser administradas em países que, como o Brasil, são marcados por enormes desigualdades sociais (aprofundadas por governos que se aproveitam da tragédia planetária em nome do lucro desenfreado e desumano) – pode parecer um contrassenso!

Porém, não é o caso: preocupa-nos enormemente que o isolamento social, como uma necessária medida protetiva, tornando-se uma ação indispensável, concorra para a diminuição das conexões entre as pessoas, minimizando as experiências relacionais e as aprendizagens que delas

derivam. Que não se iluda quem nos lê: não estamos, aqui, defendendo o argumento do retorno precipitado às atividades presenciais, antes de termos real controle da saúde pública em relação à pandemia, sob o pretexto de que crianças e adolescentes estão mais infelizes isoladas. Esse pretexto tem sido cinicamente empregado para esconder interesses privados, que tratam a educação como um empreendimento cujo objetivo é o lucro. Se o isolamento não é simples nem feliz, ele é o melhor quando precisamos interromper as redes de transmissão do vírus (que, no momento de produção da apresentação deste número da Revista Temas em Educação, continua altíssima).

Por outro lado, pensando no conjunto de fatores com que teremos de trabalhar gradualmente, tanto para pensar o retorno massivo às atividades presenciais quanto para melhor prepará-lo, elaborando as muitas marcas do isolamento, reconhecemos que as competências socioemocionais podem ser aprendidas e ensinadas: num panorama geral, podemos supor, então, que a pandemia de Covid-19 implicará no empobrecimento imediato de chances para participar de experiências que levam estudantes a desenvolverem respeito mútuo, empatia, solidariedade.

Ora, considerando que aprendemos a conviver convivendo, experimentando conflitos e pensando sobre as diversas formas relacionais, pedimos à Professora Doutora Luciene Tognetta (UNESP) que nos provocasse a pensar sobre os desafios a serem enfrentados pelas escolas em relação à convivência, realçando os efeitos que os tempos atuais trazem para as relações interpessoais.

Escolas trabalham com pessoas: essas instituições devem, portanto, se ocupar destas especificidades da pandemia e das implicações que a convivência restrita trará para as relações entre crianças e adolescentes, após um ano e meio de exílio do espaço escolar presencial. Todo esse cenário e suas consequências apontam para a mesma constatação: a escola e profissionais que nela trabalham precisam, com urgência, reconhecer o trabalho com as relações interpessoais como algo fundamental. Daí nossa convocação de que as reflexões em torno da convivência e da violência – atravessadas agora pela pandemia – precisam ser sistematicamente realizadas, para que práticas pedagógicas e, de modo geral, a cultura escolar sejam mudadas.

É nesta esteira que, como se pode ver a seguir, nossa convidada discorre sobre o tema, problematizando a convivência escolar em tempos pandêmicos e pós-pandêmicos, desafios para essa instituição e formas para enfrenta-los, de tal sorte que a pesquisadora finaliza com alternativas pedagógicas possíveis para o momento.

Em seguida, contamos com sete artigos, produzidos por pesquisadores de variadas instituições nacionais e internacionais, problematizando a pandemia, as diversas violências que nela se

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 27, n. 01, p. ii-x, 2021. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

Dossiê “Conflitos, violências, bullying na escola: problemas da convivência potencializado pela pandemia?”



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

manifestam e que dela decorrem, as relações interpessoais e os vínculos construídos entre a comunidade escolar. São leituras necessárias para a compreensão destes tempos, porque algo é certo: no retorno gradual às atividades presenciais, não adianta agir como se a escola pudesse ser como antes da pandemia. Quanto ao tema deste número, respondemos: felizmente!

Catarina Gonçalves
Fernando Andrade

A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA NO CONTEXTO PÓS-QUARENTENA

Pensar a educação em tempos de pandemia e o que nos aguarda quando, finalmente, estivermos preparados para o retorno presencial não é uma questão tão fácil de responder. Não porque não saibamos e já não tenhamos respostas que nos permitem antecipar os problemas e as consequências deste tempo devastador em nossa vida, haja vista toda construção científica historicamente construída de crises anteriormente vividas no mundo, mas porque estamos tratando de um tema complexo que é a escola e sua resignada função, principalmente, neste país em que vivemos. Se a Saúde é considerada – e é – a “linha de frente” para tratamento e cuidado das pessoas que se contagiam, a educação também é. Eis porque aceitei este honroso convite para apresentar um dossiê temático sobre o papel da educação neste momento pandêmico e pós pandêmico: a importância de professoras e professores que, para educar neste contexto, como diria um ditado popular, têm tirado “leite de pedra” para seguir na linha de frente de combate aos vírus – da saúde e da ignorância – que nos assolam.

Para atender este convite precioso, gostaria de propor três questões importantes sobre a convivência quando pensamos nas responsabilidades da escola. São três indagações que temos feito para compreender tais compromissos. Passemos a elas.

Como será a convivência no espaço escolar depois do período de quarentena?

Não se discute que, durante o período pandêmico, a educação foi ou deveria ter sido, também, uma das mais importantes funções para a superação da crise que se instalou entre nós, no sentido em que estaria, na escola, a possibilidade dos encontros que ajudariam crianças e

adolescentes. Meninos e meninas viveram um isolamento que preconizou a solidão dos pares e um ostracismo que os obrigou a permanecerem em uma convivência privada, sem as tão necessárias relações com os que são diferentes de sua família. Por sua vez, os professores e professoras viveram momentos de preocupação e angústia porque ainda que buscassem – e o fizeram – todos os meios para chegar até seus alunos e alunas, pouco conseguiram. Os dados de investigações recentes nos revelam o número significativo de crianças e adolescentes evadidos da escola neste país¹.

O fato é que a convivência na escola, quando retornarmos, será impactada pelos efeitos dos problemas mais urgentes que temos vivido, para além da saúde física: como nos sentimos hoje diante do inesperado, do inexplicável, do novo, diante de uma situação que não temos domínio e nem controle. Frutos dessas novas condições, sentimentos de medo, de tristeza, de nostalgia, de estranhamento do outro para aqueles que não tiveram sequer a experiência dessa primeira aprendizagem (no caso das crianças pequenas que não iniciaram sua vida escolar) estarão presentes e se manifestarão nas oportunidades de convívio coletivo. Some-se a essas circunstâncias, o retrato de nosso inconsciente exibido no número de crianças e adolescentes com sintomas de depressão, ansiedade, automutilações e ideias suicidas.

Tudo isso para dizer que tanto os fatos como as pesquisas e as reflexões sobre eles nos mostram que as pessoas que passam pelo impacto de uma crise precisarão se reconstruir. Com efeito, essa reconstrução é progressiva e não se dá em uma semana de acolhimento na escola. Então, pensar na convivência quando voltarmos, será completamente diferente de um retorno para as aulas depois das férias. Isso quer dizer que as questões de convivência presentes no clima relacional nas escolas antes da pandemia também se modificaram. Por essa razão, será ingenuidade de nossa parte acreditar que uma semana com momentos planejados para a acolhida, a escuta, a brincadeira e a troca entre pares serão suficientes para dar conta dos rumos que a convivência tomou nesses últimos tempos.

Crianças, adolescentes e adultos estaremos transformados em nossas relações; muitos de nós, desesperançados, desesperados, angustiados com o tempo perdido, pouco acostumados a convivência com os iguais, pouco habituados com a exigência de uma disciplina de horários, de rigor, de comportamentos em um âmbito público. Isso porque, mesmo nas famílias cujas relações são bem resolvidas e equilibradas, os filhos e filhas não tiveram a oportunidade de conviver com as diferenças, com as consequências de suas próprias ações quando seus comportamentos incomodam

¹ Não inserimos, intencionalmente, dados de diferentes pesquisas atuais que reiteram as discussões aqui propostas. Isso pois retomaremos os resultados dessas investigações em um artigo deste mesmo dossiê intitulado “Proteção e bem-estar a crianças e adolescentes na escola: um emaranhado de nós para desatar em contextos pós-pandêmicos”.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 27, n. 01, p. ii-x, 2021. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

Dossiê “Conflitos, violências, bullying na escola: problemas da convivência potencializado pela pandemia?”



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

ao outro ou que são incomodados por eles. Imaginemos isso tudo, então, multiplicado pelas tantas mazelas que nós temos neste país: famílias que perderam empregos; que não sabem conviver assertivamente e nem resolver conflitos de outra forma a não ser com a agressão física ou verbal; famílias que passaram fome; famílias sem acesso tecnológico ou digital... Não tardarão a aparecer os sintomas de uma sociedade doente, então, com outras doenças para além do coronavírus².

Por todas estas razões, um plano de convivência nas escolas nunca mais será o mesmo visto que deverá incorporar uma dimensão do clima relacional que antes já existia, mas não tão continuamente quanto nesse momento: a questão dos sofrimentos emocionais e as formas pelas quais eles se manifestam. Soma-se a essa dimensão, outra que toma vida própria entre as diferentes dimensões do clima institucional de uma escola que já não tinha paredes antes da pandemia: as agressões virtuais. Será, no mínimo, interessante pensar as consecutivas diferenças do que era, amiúde, um problema para nós profissionais da educação: como deixar de usar o celular na volta às aulas presenciais se meninos e meninas aprenderam com ele a pesquisar, a se integrar, a conhecer fatos, a se manifestar? Como pensar em programas de apoio e solidariedade advindos de projetos escolares a partir de propostas organizadas pelos professores e professoras se os meninos e meninas já experimentaram a participação em grandes redes, muitas vezes, não das melhores formas, mas já experimentando se manifestar sobre conflitos vividos por outras pessoas, inclusive, aquelas nem conhecidas? Lembremos dos casos de “cancelamentos” que tivemos nesses tempos³.

Tudo isso para dizer que será inócuo permanecer com as mesmas propostas, os mesmos dilemas de como educar moralmente e trabalhar com o tema da convivência nas escolas a partir desta crise. O uso dos celulares, a maneira pela qual tratamos os que são diferentes, os que nem conhecemos, os problemas dilemáticos que se apresentam neste tempo – como as mudanças climáticas provocadas pela triste rotina da falta de garantia de conservação ambiental de nosso país; as rupturas dos grandes marcos civilizatórios que vivemos nestes tempos (como o caso do racismo, das chacinas nas comunidades cariocas, da agressão multiplicada de mulheres em situações de feminicídio e tantas outras); as novas formas de relacionamento on line – mais do que nunca, sugerem que as temáticas de direitos humanos, diversidade, cidadania, entre outras tantas questões éticas sejam parte latente do currículo a partir de agora.

² Idem.

³ No Brasil, a repercussão do caso de uma artista que sofreu “cancelamentos” por suas ações em um reality show. Para entender o caso, vide: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/caso-karol-conka-existe-um-limite-para-o-cancelamento/>

2- Mas a escola conseguirá, sozinha, se reinventar diante dessas novas questões de convivência?

Indubitavelmente, a resposta a essa questão é negativa. Ensaíamos até aqui demonstrar o quão grande será o papel da escola para cuidar das situações de convivência distintas de um período pós crise que teremos. Nenhum de nós foi incapaz de perceber a necessidade da escola. Contudo, é de escolarização no seu sentido acadêmico que, na maioria das vezes, se pensa ao se tratar da ausência dessa instituição. É fato que os conteúdos escolares foram e estão sendo perdidos em grande frequência em todos os segmentos de escolaridade.

Entretanto, há um ponto ainda mais importante quando se pensa no papel que a escola exerce na vida de tantos e tantas brasileirinhos e brasileirinhas que não têm a quem recorrer: é na escola que muitos meninos e meninas vitimizados pela violência doméstica, pela negligência, pelo autoritarismo, pela falta de atenção e diálogo, podem encontrar acolhida, apoio e proteção.

Não obstante, o mais interessante para responder a esta indagação, será lembrar de fatos que marcaram os momentos de isolamento social que vivemos no que diz respeito aos números de crimes, de problemas nas relações interpessoais nas famílias como as denúncias de agressão doméstica, os abusos sexuais e as violências de gênero que aumentaram abruptamente. É interessante notar que os números desses problemas são recordes, contudo, como são encaminhados, quando são encaminhados? Casos marcantes como o do menino Henri⁴, do garoto de Campinas aprisionado por um mês em um barril⁵ e tantos outros nos mostram que as denúncias, quando chegam, chegam à polícia, como formas de criminalização. Não se discute a natureza desses crimes. Mas o fato é que casos como estes não chegam a órgãos que são criados, especialmente, para os encaminhamentos de proteção, de cuidado e manejo dos que estão inseridos no problema e mais precisam de ajuda - crianças e adolescentes – mais rapidamente possível para diminuir seu sofrimento. O fato é que há uma boa lição para aprender destes casos: saber, de uma vez por todas, o quanto a escola deve ser reconhecida como uma instituição protetora visto que as denúncias aconteceram, mas não os encaminhamentos dos cuidados que citamos até aqui. Isso pois é a escola

⁴ Para entender o caso do menino Henri morto pelo padrasto diante da negligência materna, vide <https://istoe.com.br/caso-henry-mensagens-mostram-que-jairinho-e-monique-se-esconderam-da-policia/>

⁵ Para entender o caso do garoto acorrentado e preso em um barril pela família, vide <https://portalcabcampinas.com.br/2021/01/crianca-acorrentada-em-barril-e-resgatada-pela-pm-em-campinas/>

que faz o elo entre aqueles que sofrem e precisam de proteção e a Rede de Proteção da qual a instituição escolar está inserida. Sem a escola, meninos e meninas estiveram mantidos à própria sorte.

Por sua vez, mesmo na sua persistência solipsista de pouca participação democrática nas políticas públicas em que está inserida, é preciso entender que a escola faz parte de um Grande Sistema de Proteção com quem vai compartilhar os encaminhamentos, as discussões e a resolução dos problemas com seus meninos e meninas.

Novamente, isso não significa que ao pensar as questões de convivência na escola antes da pandemia, não precisávamos reiterar o estabelecimento de relações com essa rede. Contudo, nos parece condição, neste momento, para atender aos problemas que virão e que serão complexos, será preciso que o funcionamento deste conjunto de atores se estabeleça. Em uma palavra: não será fácil a ponto de acharmos que a escola sozinha resolverá os problemas que chegarem até ela, entretanto, ao mesmo tempo, não será mais possível terceirizar esses problemas, como se não fossem parte do próprio trabalho da escola. Isso posto, nós teremos que estudar, sim, formas pelas quais se oferecem os primeiros atendimentos, as acolhidas e como se organiza um plano estendido e contínuo para trabalhar a longo prazo essas questões de convivência que explodirão no seu interior. Ao mesmo tempo, será preciso que essa mesma escola que acolhe, agilize, fomenta, cobre, persista em procurar pela formação, manutenção e funcionamento dessa rede.

3- Qual a fórmula para sair da crise e construir um novo programa de convivência em nossas escolas?

Finalmente, penso que, de uma vez por todas, a escola terá de enfrentar o desafio de compreender-se no mundo sem paredes. Este já foi e tem sido o primeiro desafio. O mundo virtual não é mais uma extensão do mundo presencial, ele é o próprio mundo em que vivemos. E cá entre nós, descobrimos, da pior das maneiras, que os nossos métodos de ensino, principalmente no Brasil, nunca formaram para a autonomia, haja visto o quanto nossos meninos e meninas sofreram com o ensino remoto e a disciplina necessária para que os trabalhos fossem independentes do papel dos professores e professoras. Descobrimos que os estudantes sabem muito mais do que imaginávamos que sabiam quando olhamos para o rol de conhecimentos transdisciplinares possíveis de serem construídos quando não estamos em sala de aula, e, sim, conectados a um mundo globalizado cujo acesso é, ou deveria ser, tão democrático a ponto de termos as mesmas informações disponíveis.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 27, n. 01, p. ii-x, 2021. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

Dossiê “Conflitos, violências, bullying na escola: problemas da convivência potencializado pela pandemia?”



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Isso significa uma revolução em nossos programas de ensino, não só em termos de conteúdos a inserir quanto ao uso das tecnologias, mas dos problemas que elas ensejam, como por exemplo, as cyberagressões, as Fake News, os compartilhamentos de discursos de ódio, os cancelamentos. Descobrimos que não é mais possível trabalhar as matérias escolares em “caixinhas” (a caixinha da matemática, da ciência, da física...) em forma de 50 minutos de aulas porque, definitivamente, nós precisaremos de métodos de ensino que possibilitem que crianças e adolescentes interajam, que construam ideias pela troca entre pares, que planejem, que sejam, de fato, protagonistas para novos arranjos de profissões que ainda nem temos conhecimento, para as novas conexões e autonomia que teremos com a “internet das coisas”.

O desafio maior que teremos é organizar um novo programa articulado de forma que todas essas propostas não se constituam mais um curso, mais uma disciplina curricular separada das outras, mais um fardo para a escola e seus profissionais. A fórmula para isso tudo não é nova e já foi indicada em outra grande crise: quando convidado a falar sobre como seriam os rumos de uma educação mundial depois da segunda grande guerra à ONU (Organização das Nações Unidas), Piaget⁶ simplificou seu discurso com duas palavras conexas, complexas e certamente, difíceis de serem colocadas em ação desde 1944, ano do seu pronunciamento, mas que podem mudar o rumo da nossa compreensão diante do novo que a crise nos impõe: liberdade e cooperação. Diria ele que não é livre quem acredita que a obediência a uma autoridade – seja ela um deus ou um adulto, uma autoridade institucional ou gerontológica - seja superior ao princípio pelo qual, qualquer que seja a diferença entre nós, não nos tira a igualdade que nos constitui como seres humanos. Não é livre aquele que não pode pensar, avaliar, propor, decidir... É livre, contudo, aquele que é preso a uma obediência interior tão convicta que o faz ver o outro como a si mesmo; aquele que é capaz de conviver no seu sentido mais pleno, ou seja, sentindo-se respeitado, *com outro* e respeitando o *outro*. Isso posto, a nova escola configura-se como um espaço de liberdade, de participação efetiva. É assim que se consegue formar pessoas que se sentem pertencentes, que se sentem valor, não pela falta da autoridade, mas pela forma como ela se estabelece, porque “onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou”, lembraria Arendt⁷.

Por sua vez, a cooperação, para Piaget, não se compõe apenas pela ideia de ajuda visto ser muito superior a isso: cooperar significa coordenar perspectivas, contrapor pontos de vista, suportar

⁶ PIAGET, J. A educação da liberdade. Conferência apresentada no 28o. Congresso Suíço dos Professores. Berna, 08/07/1944 (4 páginas).

⁷ ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 129.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 27, n. 01, p. ii-x, 2021. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

Dossiê “Conflitos, violências, bullying na escola: problemas da convivência potencializado pela pandemia?”



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

as contradições, confrontar o seu limite ao limite do outro como ambos, pessoas de direito⁸. Favorecer a cooperação, no seu sentido mais concreto, nada mais é do que ajudar nossos alunos e alunas a pensarem, sendo provocados por perguntas que os levem a tomar consciência dos fatos e, pensando, sentirem-se, novamente, pertencentes a um espaço que é deles e delas por excelência.

Resta-me a última ideia que me perturbou durante toda a escritura desta apresentação e que, portanto, não poderia me despedir sem ela: em tempos tão difíceis como os que temos vivido, é preciso resistir. A resistência, meus caros leitores e leitoras, se faz na luta diária por acreditar que o mesmo homem que mata, é o homem que pode salvar. Basta que levemos nossos meninos e meninas a escolherem o lado do bem.

Luciene Regina Paulino Tognetta
Outono de 2021

⁸ Em seu livro “O juízo moral na criança” escrito em 1932, Piaget lembra que a cooperação pressupõe a troca entre pares que não são mais indivíduos, mas são “personalidades”, visto os direitos que carregam (PIAGET, 1994/1932, p. 83). Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 27, n. 01, p. ii-x, 2021. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

Dossiê “Conflitos, violências, bullying na escola: problemas da convivência potencializado pela pandemia?”



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.